

Memória e desejo de futuro

Como parte das comemorações dos seus 60 anos, a Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia inaugura a **Coleção 60 Anos FAUFBA**. Um projeto editorial que vem dar uma maior visibilidade às pesquisas produzidas acerca da história – acadêmica, administrativa, física e cultural – desta instituição de ensino superior.

Intenciona-se, com essa coleção, criar um caleidoscópio de registros históricos sobre o ensino da arquitetura na faculdade, de forma que, como capas, estes possam ir se acoplando, superpondo e se reestruturando no decorrer do tempo. Revelam-se, assim, novos atores, políticas e temporalidades, outras visões possíveis de interpretação sobre o ensino da arquitetura e do urbanismo, tendo, como ponto de partida, a realidade soteropolitana.

A história da FAUFBA se inicia em 1893, quando foi criada e vinculada à Escola de Belas Artes - EBA, a qual, por sua vez, só foi incorporada à UFBA em 1947, sem, ainda, incluir o curso de arquitetura. A federalização se deu em 1949. E a separação da EBA ocorreu, oficialmente, em 2 de outubro de 1959 (através de decreto ministerial). Ao passar para a condição de curso independente, a FAUFBA foi integrada à Área 01 [das tecnologias], não pertencendo mais ao campo das artes, que fez parte de sua história, determinando-a e influenciando-a até então.

A consolidação do ensino de arquitetura, no Brasil, data dos meados do século XX. E isto acontece, não por acaso, com uma base fundamentada na arquitetura modernista brasileira, cuja produção, naquela época, obteve muito sucesso, merecendo o reconhecimento internacional.

Os frutos da expressiva arquitetura produzida pela Escola Carioca, durante o período que se inicia com a construção do prédio do Ministério de Educação e Cultura (MEC) (Rio de Janeiro, 1937-43), e culmina na construção de Brasília - 1960, qualificaram e justificaram a definição do período intitulado como “áureo” da história da arquitetura brasileira. Um tempo que pode ser visto como democrático, e que foi conduzido por uma elite ilustrada que buscava uma identidade nacional.

A FAUFBA acompanha essa trajetória nacional, tendo a matriz de estruturação do curso, proposto em 1959, baseada nos conceitos de Lucio Costa e nos princípios estabelecidos no Congresso da União Internacional de Arquitetos, realizado em 1953, em Lisboa. Segundo FONSECA (1984), a concepção do curso foi protagonizada pela Comissão de Currículo, formada pelos professores Américo Simas Filho, Diógenes de Almeida Rebouças e Walter Veloso Gordilho. Esta mesma comissão também sinalizou que o objetivo da formação do estudante de arquitetura era: "Desenvolver a sensibilidade plástica, a noção do espaço, a imaginação, a memória visual, o sentido do homem e do caráter".

Após esses 60 anos de história, percebe-se que entender a dimensão do ensino de arquitetura e urbanismo, em um país que apresenta desigualdades estruturantes no âmbito da sua sociedade, vai muito além do êxito logrado pela nossa expressiva, sensual, plástica e contundente arquitetura dos anos 60. E, nesse sentido, os três volumes que aqui apresentamos, nessa coleção, já anunciam outras miradas possíveis.

O que fica evidente, nestas primeiras publicações, é que, mais do que projetar arquitetura, precisamos, como sinaliza Sennett (2018), compreender as relações entre construir e habitar os espaços urbanos em sua diversidade de vivências. Onde “a aspereza entre o vivido e o construído não pode ser resolvida apenas com manifestações de retidão ética da parte do planejador”.

Esses registros de nossa história específica, uma vez publicados, vêm responder às nossas demandas de memória e desejo de futuro. Qualificam o nosso ensino de arquitetura e urbanismo, enfocando-o como uma prática que vai além da proposta de construir novos espaços, para restabelecer relações urbanas a partir da diversidade complexa de nossos territórios.

Tensionado pelo momento contemporâneo e, de forma propositiva futura, o espaço do ensino da arquitetura e urbanismo vem se tornando menos pétreo, menos autoral, menos modelar, menos disciplinar, menos estéreo, menos estético, menos abstrato, menos formal, menos autoritário, menos discursivo, menos moderno. E, a cada dia, mais vernáculo, mais rugoso, mais complexo, mais comum, mais adaptativo, mais experimental, mais desigual, mais colaborativo, mais resiliente, mais informe.

A esse tensionamento da área se soma a nova realidade de nosso corpo discente, que tem, hoje, 50% egressos da escola pública. Egressos que chegam ávidos por participar, disputar e pertencer a um novo lugar na construção de outra sociedade. Egressos que criticam, questionam e propõem outras relações espaciais – que vão além das estabelecidas pela arquitetura formalizada – seja no âmbito privado, ou no público, coletivo ou comum.

Egressos que, para além das revistas de arquitetura internacionais, estão interessados em tensionar, defender e decifrar a grande borda que cerca nossas cidades. E, conseqüentemente, também ressignificam as informalidades dessas relações, deflagrando outras realidades e novos pertencimentos que sempre estiveram fora da universidade pública brasileira, e que agora fazem parte dela.

Naia Alban
Diretora da FAUFBA

Coleção 60 Anos FAUFBA

01 - Fernando Luiz da Fonseca. Apontamentos para a História da Faculdade de Arquitetura. 1984

02 - Vania Hemb. Faculdade de Arquitetura da UFBA: Espaço do Projeto, Espaço da Percepção, 2019.

03 - Susana Acosta Olmos. Ética e Estética no ensino de projeto: Práticas atuais nos ateliês da FAUFBA, 2019.